Data: 09.07.2021
Titulo: DA CPLP: CUCA, CAJU, CACAU E ATUM
Pub: Expresso ECONOMIA
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 29

QuickCom comunicação integrada

Área: 199cm²/ 15%
Tiragem: 123.400
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7175994

Olhar o Sul

Manuel Ennes Ferreira
mfereira@iseg.ulisboa.pt

DA CPLP: CUCA, CAJU, CACAU E ATUM

Na próxima semana, nos dias 16 e 17, haverá festa em Luanda com a realização da 25ª Cimeira da CPLP. Desde logo apetece relembrar uma anedota sobre a hiena (por censura não a posso contar) e que diz, a certa altura, "mas se é uma vez por ano, come (piii...), então ri de quê?". Como é da praxe, haverá um lauto almoço/jantar que o Governo angolano presenteará ao restante gangue. Do tipo de refeição que a população está habituada... Por cá, penso acompanhar a efeméride degustando o que é possível encontrar na praça lisboeta e totalmente palopiano, sem ofensa para o Brasil e Timor-Leste. Já agora, e para contextualizar, tomando o ano de 2019 e apenas o grupo de produtos agroalimentares (bebidas, conservas e produtos alimentares, produtos da pesca, carnes e laticínios, frutas e hortícolas, oleaginosas, gorduras e óleos), a esmagadora maioria dos bens exportados por Portugal eram transformados, enquanto as suas importações correspondem maioritariamente a produtos primários (onde está a industrialização palopiana?). A balança é escandalosamente deficitária para aqueles países. Portugal exportou 295, 78, 27, 28 e 23 milhões de euros, respetivamente para Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, e importou, também por aquela ordem, 9, 1, 0,75, 37 e 0,013 milhões de euros. Vou sentar-me então à mesa. Passe a publicidade, começo por descascar uns cajus guineenses e moçambicanos acompanhado por uma cerveja deste último país, a 2 M, tudo difícil de encontrar. Depois avanço para uns mariscos provindos de Cabo Verde, entornados com a cerveja Cuca, de Angola. Passando para mais substância, grelho uns camarões tigre de Moçambique da Pescanova e da Marfresco e regados com uns vinhos cabo-verdianos (não sabia que a ilha do Fogo produzia?), seja o Mosteiro, o Manecon, o Pico do Fogo, o St. Luzia ou o Chã. Como começo a ficar trôpego, abro umas latas de conserva de atum, cavala e melva da Frescomar (Cabo Verde) e desta vez acompanho a refrigerante angolano Blue, da Refriango. Pausa. Retomo. Uma salada de frutas de manga, ananás e banana vindas da Novagrolider angolana, seguida de um chocolate *gourmet* Corallo, de São Tomé e Príncipe, bebericando um licor Passito, de Cabo Verde. Na viagem para o sofá, nada como um café Delta, do grupo Nabeiro, um Robusta vindo de Angola. O meu espírito está turvo mas parece-me que ouço alguém a ler em portinhol um exemplar da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, uma edição da Guiné Equatorial e que é a sua principal exportação para Portugal. *Hip, hip, hurrah* a CPLP!

Diz-se que a CPLP é uma comunidade de afetos. Sentemo-nos à mesa comendo tropical e bebendo para esquecer

Professor do ISEG/ULisboa